

A faculdade de segurar e transportar a bola nas mãos é uma das características essenciais do «rugby»; compreende-se, pois, a importância que toma para o decurso das jogadas a forma como se executam as passagens de mão para mão, e a necessidade de cuidadosa aprendizagem, por parte de todos os jogadores, da maneira de transmitir e receber a bola.

O jogo de mãos é, de todos os recursos que se podem empregar, aquêle mais eficaz para assegurar o êxito de uma ofensiva, bem como aquêle que mais agrada aos espectadores. A deslocação da bola, voando de homem para homem sem tocar no solo, evitando o choque com os adversários a cuja perseguição escapa por antecipação, é o mais belo dos movimentos ofensivos, o mais rápido e o que melhor fornece a impressão de segurança e habilidade.

Uma passagem, para que resulte eficaz, deve ser precisa, feita e recebida correndo a toda a velocidade, executada no momento oportuno. Mais do que em qualquer outra manobra de jogo, a fantasia, o individualismo e a precipitação são aqui particularmente perigosas e podem anular uma longa série de esforços, fazendo perder ocasiões de marcar ensaios ou ganhar terreno.

A maneira mais correcta de passar a bola é atirando-a com as duas mãos, num gesto largo de braços estendidos, executando primeiro um movimento de rotação do tronco sobre as ancas, de forma a poder olhar normalmente para o ponto de destino da bola que, salvo circunstâncias excepcionais, deve ser projectada à altura das ancas do destinatário.

Os ingleses empregam outro sistema de passagem, que não pode admitir-se como regra, mas às vezes terá de ser utilizado como melhor recurso. É a passagem com uma só mão.

Sendo menos precisa, tem a vantagem de ser mais pronta nas ocasiões em que uma das mãos está ocupada, para afastar um adversário, por exemplo.

O bom resultado da passagem depende mais

RUGBY

Vamos aprender como se joga?

IV — O manejo da bola; passes e lançamentos

Notas técnicas pelo dr. Salazar Carreira

de quem a recebe do que propriamente de quem a executa. O portador da bola, chamando sobre si as atenções dos adversários, não está livre de movimentos e tem, por assim dizer, de se cingir às condições impostas pela forma de defesa que encontra diante. Compete pois aos seus parceiros seguir-lo de tal forma que se encontrem sempre favoravelmente colocados para receberem a bola quando elle julgue oportuno desfazer-se dela.

Deve haver todo o cuidado para não correr a distância exagerada do jogador de quem se espera o passe, mantendo posição atrazada para evitar a passagem adelantada e ainda para que seja possível aumentar a velocidade ao receber a bola com as duas mãos, para prosseguir no ataque; o transmissor da bola deve, por seu lado, enviá-la em direcção favorável para garantir esta manobra, ou seja um pouco mais à frente do que o corpo do destinatário. Resumindo, conclui-se que não é o portador da bola que deve guiar a sua conduta pela situação dos restantes, mas sim estes que procederão conforme os interesses do companheiro que naquelle momento assume na jogada o papel mais activo e importante.

Outra condição vantajosa para uma boa passagem é a velocidade da corrida no momento em que ela é feita, ponto que nos parece de grande necessidade focar aos jogadores portugueses: sendo o objectivo do ataque, por passagens à mão, pôr em cheque a defesa contrária, procurando que a bola chegue ao poder de um último jogador desmarcado, é evidente que a lentidão na sequência das transmissões

da bola determinará a possibilidade, para qualquer adversário já ultrapassado, de refluir para um posto efectivo de defesa.

O treino dos passes à mão deve consequentemente ser feito correndo com grande velocidade, e nunca em passo gymnástico, como é frequente observar-se, pois nesse andamento é nula a sua efficacia. O transmissor da bola deve largá-la em direcção um pouco adelantada em relação ao corpo do destinatário, para que este não seja forçado a abrandar a marcha para apanhar, mas, se possível for, a apressá-la ainda.

Não se imagine que o ataque o por passagens é privilégio exclusivo dos componentes da linha de três-quartos; os avançados encontram, muitas vezes, magníficas ocasiões, propícias para o empregar, e que devem estar aptos a aproveitar pelo adrestramento em treino.

A oportunidade do despacho da bola, condição indispensável ao êxito da passagem, é função de prática e de sentido especial do jogador.

O momento óptimo para o portador da bola a entregar ao seu companheiro de ataque é aquêle em que o adversário que o marca, nem o pode já agarrar sem prejuizo das regras de jogo, nem tão pouco pode opôr-se ao receptor do passe ou persegui-lo com probabilidades de o alcançar; isto é, em resumo: a bola deve ser despachada antes do jogador ser placado, mas precisamente antes.

Por esta definição se compreende a dificuldade de execução de uma boa passagem; um quinto de segundo de diferença em antecipação ou demora, no momento preciso de largar a bola, é sufficiente para lhe alterar os resultados.

O portador da bola procurará manter absoluto domínio de reflexos, serenidade que lhe permita avaliar a todo o momento a sua situação, relativamente aos adversários e parceiros que o cercam, por forma que, de sua iniciativa, dirija a continuação do ataque com as melhores probabilidades de êxito.

(Continua)

XADREZ

O que jogam os xadrezistas lisboetas

PUBLICAMOS hoje o prometido quadro geral das aberturas jogadas no último campeonato de Lisboa inter-clubes, em que tomaram parte quasi todos os xadrezistas da capital, entre os quais muitos dos mais fortes jogadores portugueses.

Lembramos aos nossos leitores a circunstância obvia dos números dados estarem sujeitos às contingências do jogo, influindo neste problema factores de certo modo estranhos à técnica da abertura, designadamente o desnível de força dos jogadores participantes, o

que porventura falseou muitos dos resultados técnicos da matéria exposta.

Como se vê, a compilação apresenta-nos resultados muito interessantes. De salientar, o grande triunfo obtido pelas pretas nas partidas abertas — sistema que é ainda hoje o mais popular nos nossos torneios, a «regularidade» das brancas nas partidas do P. D., e, sob outro ponto de vista, a extraordinária diversidade de aberturas empregadas. De facto, verifica-se que os jogadores lisboetas não hesitam já em olhar para horizontes mais vastos, suspen-

dendo-se enfim a velha rotina do sistema Colle, defesa Ortodoxa e poucas outras mais, que não há muito tempo gozavam ainda de exclusividade e pouco brilhante predilecção nos nossos torneios. Apesar de grande parte das aberturas adoptadas agora não revelarem conhecimentos notáveis da Teoria, pois, na generalidade destas, apenas os primeiros lances correspondiam ao preciso, é sempre animador verificar a existência destas tentativas, que bem podem considerar-se, sem dúvida, bom pronuncio para o que é lícito esperar do vigoroso incremento que actualmente impulsiona o Xadrez no nosso País.

Dando seguimento aos nossos comentários sobre os resultados desta compilação, salientamos em primeiro lugar a manifesta predilecção dos jogadores lisboetas pelas variantes simétricas do P. D., embora a dita possa justificar essa preferência, pois, mais uma vez, ficaram patentes as dificuldades que o segundo jogador experimenta para chamar a si um resultado favorável. A defesa Ortodoxa e a Cambridge Springs, tidas ambas, para as pretas, como os mais sólidos sistemas de abrir o jogo, sofreram verdadeiro desastre, ao passo que nas defesas assimétricas as brancas não conseguiram levar a melhor. Digna de realce é, também, a «performance» um tanto inesperada das pretas nas defesas Caro-Kann e Siciliana (que se revelaram como as mais populares da actualidade) e, mais surpreendente ainda, na Partida Espanhola, que é considerada hoje a mais forte abertura para as brancas no P. R. Nas outras aberturas, deparamos, de modo geral, com resultados normais.

O apuramento final dá-nos também números que não constituem surpresas: as brancas ganharam 82 partidas e as pretas 66; empataram-se 22 partidas.

VASCO SANTOS

Denominações das aberturas	Número de partidas	Vitórias		Emp.
		Brancas	Pretas	
Partidas Abertas (I. e2—e4)	88	35	42	11
Sistemas simétricos	41	26	10	6
Sistemas assimétricos	47	19	23	5
Partidas Fechadas (I. d2—d4)	69	39	21	9
Sistemas simétricos	52	33	15	4
Sistemas assimétricos	17	6	6	5
Partidas restantes (I. Cf3, I. c4, I. f4, I. b4)	13	8	3	2
P. R.—Def. Caro-Kann	19	7	9	3
P. R.—Siciliana	17	7	9	1
G. D.—Ortodoxa	12	10	1	1
G. D.—Eslava	11	6	5	0
P. R.—Partida Espanhola	11	4	5	2
P. R.—Def. Petroff	10	6	4	0
P. D.—Holandesa	9	2	4	3
G. D.—recusado (?)	8	3	3	2
P. D.—Sistema Colle	7	4	2	1
C. R.—Part. Zukertort-Reti	7	4	1	2
G. D.—Def. Meran	6	5	1	0
P. R.—Francesa	6	3	2	1
P. R.—Part. Italiana	6	5	1	0
P. R.—Prussiana	5	0	2	3
Partida Inglesa	4	3	1	0
P. R.—Gambito do Rei	4	2	2	0
P. D.—Def. Nimzowitch	4	2	1	1
G. D.—Cambridge Springs	3	3	0	0
P. R.—Gambito Vienense	2	1	1	0
P. R.—Def. Alekine	2	1	1	0
P. D.—Indiana do Rei	2	1	0	1
G. D.—Tarasch	2	0	2	0
P. R.—Defesa cerrada (?)	2	1	1	0
P. D.—Gambito Benoni, P. R.—Part. Escocesa, G. D.—Contre-gambito				
Albin, P. R.—def. Húngara, Gamb. de Dama Aceite e Abertura				
Bird	1	1	0	0
G. D.—Variante de Viena, P. R.—Def. Nimzowitch, P. D.—def. Oeste				
Indiana e Abertura Hunter-Englich	1	0	1	0
P. R.—Gambito do Centro	1	0	0	1

(?) Sistemas irregulares, (?) Defesa irregular.